

CORAÇÕES
IMPUROS

Victor Ribeiro

CORAÇÕES
IMPUROS



Rio de Janeiro

2016



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Corações Impuros

Copyright © 2016, *Victor Ribeiro*
Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Ilustração e Capa:

Beatriz Paixão Frutuoso e Melo

Revisão:

Carla Dawidman

Fotografia - Capa:

Karoline Hoffmeister Sippli Ribeiro

Diagramação:

PoD Editora

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R37c

Ribeiro, Victor

Corações Impuros/ Victor Ribeiro. 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2016. 204 p. 21cm

ISBN 978-85-8225-096-9

1. Romance brasileiro. I. Título.

16-29602

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

06.01.16

06.01.16

Agradeço a minha esposa, Karoline, pelo incentivo e por ser palpiteira profissional dessa história.

Agradeço pelo incentivo de Luiz Henrique de Oliveira Pimentel que tornou possível este projeto impresso.

Dedicado a todos que acreditaram nas minhas ideias.

Isso é só o começo...

Sumário

1. ENCONTROS E DESENCONTROS	9
2. O ÚLTIMO DIA	19
3. A CASA DE VERANEIO	31
4. CUPIDO DE SANGUE	41
5. MAIS VIVO DO QUE MORTO	55
6. CORRER OU MORRER	65
7. ATALHO DO CASEBRE	75
8. SOZINHO NA FLORESTA	87
9. MATO SEM CACHORRO	95
10. CHICOTE	101
11. TEORIA ZUMBI	107
12. TREINAR OU MORRER	113
13. GUERRA DE GUERREIROS	121
14. ATALHO DO ATALHO	131
15. CATACUMBA	139
16. ALERTA	159
17. ENCURRALADOS	165
18. PANDEMÔNIO	177
19. AINDA NÃO É TARDE	189
20. VALE A PENA MORRER	199

1.

ENCONTROS E DESENCONTROS

O céu estava pálido. Não mais do que a face do jovem Leônio. Com as mãos fincadas num pedaço de papel dobrado, este decidiria sua vida dali para frente. Sua empreitada amadora ao tentar conquistar. Por fim, Alice tornou-se uma fatídica ilusão.

Aquele papel era a maior intimação que um jovem poderia receber aos 17 anos. O último capítulo de uma novela que se repetia a cada ano com finais diferentes.

A rotina no colégio era farta da puerilidade dos romances — daqueles bem vagabundos —, em sua maioria. Os corredores, desgastados pelo tempo, também sofriam com a umidade e, em alguns cantos, com graves infiltrações. Todo ano eram discutidos esses e outros assuntos nas reuniões pela diretoria, porém eram engavetados por falta de orçamento. Isso permaneceu até o dia em que a professora de matemática foi atingida na cabeça por um pequeno reboco no anexo do segundo andar, enquanto descia as escadas. Alguns disseram que sua salvação foi o laquê, o amortecedor do impacto. Mesmo assim, depois de ter rodopiado em conformidade com a larga escada giratória até o saguão de baixo, ela afirmou ter sentido tonturas, como se todos os números e fórmulas tivessem sido embaralhados na sua mente. Naquele dia, suas aulas foram suspensas. Uma semana após o ocorrido, uma equipe técnica analisou o local e uma reforma foi autorizada para o espanto dos alunos que atribuíram o fato exclusivamente à vítima. “Se fosse com a gente, nada aconteceria”. — Tagarelavam pelos corredores.

Apesar do sentimento de descaso, a maioria dos alunos gostava do colégio e não sentiam esse tipo de coisa por parte do corpo docente. Até mesmo Leônio, que não gostava de estudar, dizia que os professores eram “gente fina”.

Aparentemente leso, maquiado pelas olheiras da noite mal dormida, Leônio parecia carregar as memórias de todos os dias de aula nas costas. Sentou na última carteira. Tornou a olhar para o boletim e lembrou-se do coitado do Jorge, de biologia, com a incansável explanação sobre briófitas e pteridófitas. Até que ele se esforçou durante o ano letivo, todavia, o que os alunos tinham interesse em saber era sobre si mesmos. Sobre os altos índices de gravidez na adolescência, que apanhavam de surpresa muitas mocinhas ditas certinhas, e tudo mais. As teorias filosóficas do professor Astolfo até ajudaram a refletir, infelizmente por um curto período de tempo. Era praticamente impossível descarregar cada conceito e seu grande leque de informações na mente daqueles jovens como se fosse um código de computador, em que a cada comando, uma ação fosse executada. “Queridos, a cabeça não serve apenas como mochila para o cérebro”. — dizia a adorável Josefa de português. Sua pouca estatura guardava um poço de sabedoria e docilidade com todos, sem distinção. E se a fórmula do amor existe, esta, a professora Marta não ensinou. Seu negócio era maquiagem, algo incomum para quem leciona matemática, pelo menos era assim onde Leônio estudava. Era chamada de Mulher laquê, pois diziam que quando ela estava “virada no diabo”, seu cabelo fazia curvinhas parecendo mechas de número seis.

Leônio costumava comparar seu baixo rendimento com a quantidade de vezes que conseguia trocar palavras com Alice, a bela jovem de cabelos pretos, na qual é apaixonado. Era o último dia de aula. Ainda com o boletim suado nas mãos procurava coragem para abri-lo, enquanto confabulava sobre seu destino dali para frente. Só de pensar que Alice poderia estar na faculdade no ano seguinte, suas chances de conquistá-la seriam praticamente nulas por uma série de fatores pensados todos os dias. Coisas do tipo: “Sou estúpido e não irei para a faculdade” ou “ela vai achar alguém melhor do que eu”. Pessimista demais! Ele tentava não ser, mas os diabinhos da mente eram bons construtores de caraminholas.

Agora a angústia apertava seus órgãos internos de tal maneira que precisou andar pelo pátio para esfriar os nervos. Enquanto enchia a barriga de água gelada, ouviu uma espécie de cacarejo peculiar entre alunos próximos a ele. A situação não poderia ficar pior com a presença de Emílio Maximiliano. Considerado o maior gozador do colégio, tinha o recorde de reclamações registradas na diretoria. Visto por muitos professores como um verdadeiro marginal, era alto e desengonçado, zombava de tudo e de todos. Até quando acontecia algo comum, livre de qualquer graça, ele era o mais criativo para tornar aquilo um pandemônio. Jamais alguém saiu ileso da sua língua ferina. Aquela não era uma boa hora para cruzar com Leônio, além do fato de não se baterem. O que também não era novidade com outras dezenas de alunos. Sua fama era tal que Maximiliano poderia expor uma pessoa ao ridículo em segundos. Leônio afastou-se sem ser visto.

O grande portão de ferro que dá acesso à quadra de esportes estava escancarado. Parecia um bom local para abrir o boletim e automaticamente xingar em voz alta sem que ninguém o chamasse de louco. Poucas vezes no ano a quadra estava daquele jeito. Vazia. Normalmente, era tida como um local sagrado, vigiado dia e noite pelos inspetores, sem nenhum item de valor; era somente uma sala rabugenta com cheiro de suor entranhado, bolas gastas de futebol e basquete, e pilhas de fichas de alunos. Caminhando sobre a arquibancada, pensou rapidamente sobre essa questão. Os adultos pareciam ter medo dos alunos fazerem alguma besteira com a liberdade que tinham. E talvez fosse essa a verdade. Se a quadra ficasse aberta durante todo o tempo e sem vigilância, aquilo se tornaria o festim dos matadores de aula. A liberdade dos alunos estava condicionada às regras do colégio, e não poderia ser privilégio de qualquer pessoa, principalmente de Emílio, ressaltou Leônio em seu pensamento. A disciplina existia, mesmo que às vezes fosse apenas fachada. A diretora Zilda não queria ter problemas com libertinagens juvenis. “Se quiserem se divertir, vão ao clube!”

— dizia sempre confortada na sua cadeira de rodinhas, atrás da imponente mesa de madeira colonial. De qualquer maneira, a quadra de esportes estava aberta e fresca para Leônio completar seu objetivo.

Sentou-se. Observou folhas secas sendo arrastadas pelo vento no meio da quadra. O boletim estava depositado no bolso direito da calça. Coçou a palma da mão e escorregou-a para pegá-lo quando ouviu:

— Saudade de uma bolinha?

Leônio o fitou incrédulo.

— O que está fazendo aqui, Daniel?

— O que você — enfatizou — está fazendo aqui sozinho?

— Na verdade, o mesmo que você. Procurando o pessoal pra jogar. Não vi ninguém e aqui estou. — contornou, pousando a mão no joelho.

— Hoje é o último dia. Este é o problema. Ninguém aparece na quadra nessa época. — argumentou aproximando-se.

— A não ser... — Estalaram a palma da mão em cumprimento — nós! — disseram uníssonos.

Daniel sentou ao seu lado.

— Se liga numa coisa. — cutucou-o animado.

— O que foi? — perguntou Leônio.

— Eu estou livre. Passei em todas as matérias. — Estirou o boletim do bermudão, pondo-o sobre a testa. Leônio deu-lhe um tapinha no ombro em aprovação.

— Para quem ficou em oito matérias ano passado, até que você mandou bem!

— Com certeza, Leônio. E você passou em tudo? Ah, você é safo. Ficou sentando do lado do Plínio quase o ano inteiro.

— Não. Quero dizer, sim. — respondeu hesitante. — Dona Sônia disse que meu boletim estava com erro de impressão, e terei de vir aqui buscá-lo amanhã.

— Que azar, mano, voltar aqui de novo. Você não tem internet? Eles divulgam também on-line.

Aquele papo era tempestivo. Obviamente, só se falava nisso

final do ano. Para Leônio, porém, acabou se tornando indigesto.

– Valeu por me lembrar disso. Vai ser a primeira coisa que farei quando chegar em casa. – Estrangularia o amigo se lhe desse outra sugestão.

Por cima dos ombros de Daniel, Leônio observou alguns amigos que costumavam jogar bola depois da aula. Um deles, Marcão, quicava a bola no chão provocando estopins barulhentos. Era o som de alerta que precediam os jogos. Toda vez que isso acontecia, todos ao redor paravam e olhavam aquela cena como se fossem jovens soldados armados para o combate.

– Olhem eles aí. Chegaram primeiro que a gente. – Cumprimentaram-se com um aperto de mão. Marcus era chamado de Marcão pela galera por ser o maior de todos. Também tinha sua cota de esnobe. Com um meio sorriso estampado no rosto, arremessou a bola no colo de Plínio que vinha logo atrás.

– Ouch! – grunhiu.

Plínio é magricela em fase de crescimento, ao contrário de Marcão que dava três dele.

– Tudo bem, pessoal? – aproximou-se Plínio estendendo a mão não mais do que dez centímetros para cumprimentá-los.

– Beleza.

– Então, temos um time? – sugeriu Daniel.

Leônio criou novo ânimo, esquecendo-se um pouco do boletim no bolso.

– Mas cadê o resto do pessoal? – indagou Plínio.

– Que resto, seu magrelo? – perguntou Marcão empurrando-o com delicadeza suficiente para chacoalhá-lo. – São dois contra dois!

– Por mim fechou. – concordou Daniel simulando alguns dribles com uma bola imaginária indo para a quadra.

– Vamos dividir isso logo, então. – disse Leônio.

– Já está decidido. Você e o magrelo, eu e o Pelé pé de chulé.

– Marcão não perde uma. – Daniel levou na esportiva como sempre.

Plínio sorriu exibindo seus dentes cheios de lata ortodôntica.

— Fechado. — Leônio não se opôs, queria jogar logo e liberar o estresse. Todos concordaram em seguida.

Contra o estresse, nada melhor que jogar uma bolinha. A bola rolou segundos depois, sem goleiro, apenas dois contra dois. A regra era simples: só podia chutar para o gol dentro da pequena área. Isso evitaria os tiros de longe, valorizando o drible, o jogo em si.

Estavam excitados. Tinham a quadra só para eles. No ano seguinte não imaginavam como seria sem tê-la. Afinal de contas, era o último ano do ensino médio. Consideravam um bom incentivo vir para o colégio e, no final da manhã, bater uma bola; isso quando a quadra estava liberada. Enquanto muitos iam embora sem olhar para trás, lá estavam eles se despedindo no último jogo do ano letivo. O grande e inesquecível último jogo entre amigos na quadra do colégio.

Os jovens soldados usavam toda força e habilidade que tinham para marcar o primeiro gol. Era melhor de três. No céu, as nuvens despejavam uma garoa fininha, quase imperceptível. Mesmo assim, o suor encharcava a camisa escurecendo o emblema do colégio, costurado na altura do peito. Esbaforido, Plínio recebeu um lançamento e caminhou para a pequena área. Era impressionante como ele costumava acertar nas provas de múltipla escolha com exatidão, mas quando se tratava de chutar uma bola...

— Foraaa! — E eram apenas duas opções: fazer o gol ou chutar fora.

— Não acredito. — Leônio fechou os olhos desapontado. No segundo seguinte, Leônio incentivava-o, sendo o seu melhor parceiro. Marcão, como sempre, zombava do outro lado.

Daniel era o mais habilidoso. Isto era indiscutível. Tinha um gingado que lembrava grandes jogadores da seleção brasileira na sua melhor fase. Ele era incentivado por isso. Pedalava de um lado para o outro, chegava perto de Plínio deixando a sua lente dos óculos embaçada de poeira. Ombro a ombro com Leônio, disputavam às vezes mais a força do que a própria

habilidade. Uma rivalidade antiga que fortalecia ainda mais a amizade. Numa bola dividida, a redonda procurou os pés de Plínio, que passou em disparada pela lateral. Não se deixando levar pelas provocações do gigante Marcão, como prêmio, marcou o primeiro gol.

– Ah, valeu Plínio! – Ele voltou radiante com a bola nas mãos.

Marcão torcia a boca gritando para o parceiro se mexer mais. Era o começo da partida e o sangue já fervia nas veias. Mais uma vez, Daniel vinha com a bola nos pés, esperando, dessa vez, que o parceiro pudesse cumprir o que tinha lhe cobrado. Escorregou a bola entre as pernas de Leônio, e Plínio, com suas pernas de ganso, veio logo atrás para salvá-lo.

De nada adiantava ser ágil e não ter técnica. Daniel despistou Plínio numa arrancada e relaxou numa deixadinha. A bola deslizou entre a trave. Daniel levantou o indicador no ar e falou:

– Gol!

Leônio passou o antebraço na testa tirando o excesso de suor enquanto dominava a bola. Marcão brincou na frente dele na intenção de roubá-la. O que fazer quando a criatura vem com o peito empolado, tirando proveito da musculatura? Corpo para o lado, bola para o outro e Marcão ficou a ver navios com o drible que Leônio teceu. Dissera-lhe dois palavrões enquanto corria atrás do prejuízo. Outros alunos entraram na quadra, atraídos pelo barulho dos tênis derrapando. Entre eles estava Emílio Maximiliano. Um ribombo no céu fez Leônio tropeçar na bola.

– Desculpem o atraso, pessoal. – troçou Emílio como se todos o estivessem esperando.

A quadra estava enchendo aos poucos do pessoal liberado das suas classes pelos professores. Não tinham mais o que fazer, não tinham pressa de nada, a maioria não trabalhava, e por que não marcar um tempo na quadra de esportes vendo um pessoal jogar bola? Com direito a narração de Emílio sentado na parte

mais baixa da arquibancada, rente ao meio-campo, o mesmo começou a zombetear a partida.

Filetes de raios silenciosos dançaram no céu. A chuva aumentou gradativamente subindo um cheiro úmido e agradável. Atrás da quadra havia uma área cimentada com um canteiro junto ao muro que dava para a rua e, de lá, vinha a ventania espalhando folhas pela quadra. O tênis de Leônio relinchava a cada passada, a cada drible. Marcão deu um berro gutural isolando a bola na arquibancada. Um grupinho de meninas devolveu nos pés de Marcão, que por sua vez tirou a camisa para o delírio delas. Emílio torceu a cara de raiva. Marcão acenou e avisou que o próximo gol seria para elas. Não perdia tempo quando o assunto era o sexo feminino. Um escanteio repentino favoreceu Leônio. Na ponta da quadra se concentrou para a cobrança. Não podia confiar no pé do companheiro Plínio, porque era mais fácil ele acertar um pássaro em pleno voo do que a grande área. Emílio farfalhou contra ele, e Leônio saiu em sua defesa, esticou o dedo médio em resposta ofensiva.

A bola girou lá no alto. Todos se mexiam mecanicamente em seu paradeiro. No alto, viram de súbito um raio azulado, bem vivo, cortar a bola ao meio pelo lado de fora da quadra, enquanto ela descia rodopiando feito pião. Plínio se armou parecendo que ia decolar. Estirou a perna direita como um estilingue, calculando — só Deus sabe quantos cálculos fez com aquela cara toda —, o momento exato dela estar no seu pé.

BAM!

Emílio saltou da arquibancada e Leônio pôs as duas mãos na cabeça. Marcão ficou imóvel, surpreso com a forma na qual Plínio arqueou o corpo para chutar. A força empregada por Plínio continha o necessário para fazer um gol do outro lado do quarteirão, se não fosse por um pequeno erro. Sua perna acabou atravessando o vazio. Na mesma hora, o garoto engoliu uma sensação com gosto de medo e vergonha. Na segunda tentativa, depois da bola quicar, ele conseguiu acertar. Desafort-

tunada, a redonda dera um estampido na nádega de Daniel, e rodopiou até o gol.

Daniel uivou um xingamento.

Outro grupinho entrou na quadra. Entre meninas risonhas, lá estava ela. Alice. Com o olhar curioso de quem olha um peixe dentro do aquário. Visualizou o jogo frenético. Aquele sorriso era inconfundível para Leônio. Os lábios finos, rosados, os cabelos brilhosos, traziam com ela o troféu máximo que Leônio desejava depois de vencer aquela partida de futebol. Quando ele a notou, o foco se partiu em pedaços. Por sorte, a bola já havia entrado sem que ninguém pudesse fazer nada. Gol contra de Daniel. De nádegas! Era o primeiro desse tipo. Riram após o fato consumado.

De qualquer forma, Leônio tinha ganhado algo mais que a partida. Voltou-se novamente para a arquibancada.

2.

O ÚLTIMO DIA

A atmosfera tomara uma forma desagradável quando Emílio começou a trocar figurinhas com Alice. Pareciam sempre íntimos para Leônio. Volta e meia ela emitia gargalhadas que estremeciam Leônio por dentro. As nuvens ficavam cada vez mais trancafiadas no céu numa fumaça massuda. Finalmente, a chuva açoitou com vontade a cobertura metálica da quadra. Plínio ainda estava envergonhado pelo gol através da nádega do amigo enquanto Leônio sentia o gosto amargo do seu — digamos —, prêmio ser dividido na arquibancada pelo palhaço mais sem graça do universo. Por ora, o jogo tinha acabado. Plínio insistia, puxava o uniforme suado do amigo perguntando incansavelmente se Daniel havia ficado chateado com seu feito. Leônio, o jovem apaixonado, bufava feito um búfalo.

— Você foi muito bem hoje, Plínio. Agora pode parar de puxar a minha camisa? — O garoto retribuiu com um sorriso metálico, envergonhado.

Para Plínio, aquele reconhecimento era importante, diferentemente quando lhe babavam em elogios pelas suas notas nas provas. Naquele grupo, no qual estava inserido, cada um era bom em alguma coisa, e tinham seus dias de glória revezados a critério do destino. Era unânime. Daniel tinha o maior talento entre eles para acertar a bola dentro do gol. Fora criado num bairro afastado em um campinho de terra batida perto de casa. Crescera vendo os irmãos e os primos mais velhos jogarem, e em pouco tempo aprendeu a malícia do jogo gingado, bem brasileiro. “Por isso a derrota não lhe cai bem”. Era o que Leônio tentava explicar a Plínio quando o viram cabisbaixo fazendo embaixadinhas, meditativo, com a borrachuda no peito do pé.

Se os opostos se atraem, isso também existia na amizade. Ao contrário de Leônio, além de ser bom aluno, Plínio era

chamado de *nerd*. Isso lhe conferia condição de imunidade quando aprendeu a passar dicas sorrateiras na hora da prova. Com o tempo recebeu em troca o direito a sociabilidade, mais do que teve em todos os anos da sua infância.

– Plínio, suas calças devem estar sujas. – Marcão deixou a mensagem, contrariado pela vitória, desembocando em seguida para perto das meninas na arquibancada.

Leônio estalou a língua e balançou a cabeça para Marcão que caminhava presunçoso.

– Lá vai ele.

– Ele sempre se dá bem. – completou Plínio com certa inveja. O mundo feminino para o jovem nerd era que nem o solo do planeta mercúrio. Desconhecido e quente demais para explorá-lo.

Leônio continuou observando Alice, sentindo o dissabor ao lembrar do boletim amarrotado no bolso da calça. Pelo menos havia expurgado a ansiedade no lugar preferido do colégio.

Desengonçado como sempre, Emílio se dirigiu ao centro da quadra fazendo menção da sua intenção.

– Lá vem ele infectar o ambiente. – murmurou Leônio. Plínio fechou a cara, preocupado.

– Galerinha, a próxima rodada é minha. – tratou de intimidar, fitando Leônio com olhos de urubu-rei.

– Quem disse que alguém quer você no time? – encarou Marcão de longe. Depois de ter levado um fora das meninas na arquibancada, nada mais o excitava do que uma confusãozinha.

– Ah, parem com isso seus molengas! Do que vocês têm medo, hein? – Emílio arranhou a garganta com um pigarro.

– Você é um trapaceiro. Qual é! – Plínio deixou explodir um lampejo encruado na sua mente. Depois ficou aliviado ao lembrar que no dia seguinte não voltaria mais para o colégio.

– Blá, blá, blá. – Emílio esticou sua língua poderosa no ar.

Daniel, por sua vez, encontrou naquela discussão uma maneira de contornar a sua derrota. Sentou ao lado de Leônio.

– Por que não damos uma lição nesse otário de uma vez

por todas? — cutucou-o com o cotovelo — O que acha, Leônio?

— Ele também poderia quebrar a canela, um braço e uma costela? Que tal? — riram maldosos.

— Vamos jogar de novo, ou não vamos? — perguntou Leônio. — Logo agora que Plínio está inspirado. Estou gostando de ver. Você é o melhor jogador nerd do colégio, Plínio.

Plínio pensou sobre aquele comentário como um elogio.

— Como é que é? Suas maricas! Vocês vão conseguir dormir sabendo que no último dia de aula amarelaram pra mim? — Emílio não parava de escarnecer. Dessa vez, pareceu o ultimato.

— Está nos desafiando? — naquele momento, Marcão falou entredentes pousando as mãos na cintura.

— O que vai ser de vocês quando crescerem?

— Parou, parou! — Leônio se levantou. — Eu e Plínio ganhamos a partida e temos o direito de escolher o time e o lado do campo. Portanto, decidiremos também se você deve jogar.

— Mas, que porcaria é essa agora? — interveio Marcão.

— Regras, meu amigo.

Foi difícil convencer Plínio a concordar em estar na mesma partida que o sorrateiro Emílio, depois da acusação que fizera. Ainda assim valia o esforço, já que Leônio percebeu uma grande oportunidade efervescendo em suas mãos. Já era hora de pôr outro plano em prática.

— Quero levar um papo sério contigo. — Emílio deixou Alice e foi ter com Leônio, agora no meio da quadra. — Papo de homem pra homem. — Leônio engoliu seco com suas próprias palavras. Ninguém entendeu o que Leônio queria dizer com aquilo.

— Moleque, — Emílio deu uma gargalhada controlada — é só uma pelada. Só isso. Pode deixar que não irei machucar você nem seus coleguinhas.

— Na verdade, não estou preocupado com isso.

Emílio o fitou desconfiado.

— O que você quer então, moleque?

— Quero saber se você realmente quer jogar ou ficar ciscando na quadra?

— Quem você pensa que é pra falar assim comigo? — Inclinou-se próximo ao seu rosto enrugando as sobancelhas. — Dou-lhe uma na cabeça que te afundo nesse cimento.

Leônio deu dois passos para trás e fingiu desinteresse em continuar a discussão. Daniel o observava desconfiado ao fundo, apertando a bola com os pés.

— Não sei se você percebeu, mas, na realidade, ninguém quer jogar contigo. — disse Leônio.

— E daí?

— Como e daí? O pessoal não gosta de você, cara. Você sacaneia todo mundo. — O último dia parecia estar dando coragem a qualquer um dizer coisas guardadas durante o ano letivo.

— Ô, senhor certinho? Está incomodado com o meu jeito? Oh, — cacarejou — sabe o que é isso? Inveja!

— Não viaja, cara!

— Inveja das minhas atitudes também, só pode ser. Me pergunto o que estou fazendo aqui falando com um moleque tosco como você. Eu sou assim, e veja só, pelo menos estou rodeado de mulheres bonitas. E você? Tem alguma? Seu invejoso! — Deu as costas rindo alto.

Leônio sentiu a ponta de uma lança encostar no seu peito. Murmurou um xingamento. Engoliu novamente em seco, também amargo. Não podia desistir agora do seu plano secreto recém-criado, depois de um princípio de diálogo — ou quase isso —, com o tão temido Emílio Maximiliano. O cara que, além de tudo, tem intimidade com Alice. Apesar de insólito, Leônio teve pressa e improvisou mais palavras ao seu modo. Emílio era a ponte para o seu plano mais ousado.

— Você quer ou não quer jogar? — perguntou Leônio em voz alta.

Emílio virou-se contra ele rapidamente, e o suspendeu pela lapela da camisa até ficar rente com a sua testa espessa.

— Por que todo esse charme por uma pelada, seu moleque? É a sua última chance de dividir logo o time. Ou vou acabar com essa sua cara lisa agora mesmo!

– Sim, sim, – respondeu entre os dentes – vamos dividir o time logo. Eu convenço o pessoal pra você jogar. Agora, isso vai lhe custar uma coisa.

Emílio gostava de competição e mordida a isca sempre para provar que era o melhor. Colocou Leônio com cuidado no solo e bufou perdendo a paciência.

– Eu escolho o que vai custar. – disse Emílio – Que tal uma pequena aposta?

Leônio levantou as sobrancelhas temendo o preço daquilo.

– O que quer apostar?

– Se eu ganhar, reconheçam que sou o melhor jogador de futebol do colégio.

– O quê? – pensou no que Daniel acharia disso. Seria humilhação!

– E se você ganhar...

– Se o meu time ganhar – interrompeu – vou pedir um dos seus dons emprestado.

Emílio começou a gostar daquele papo mesmo achando estranho. Estava se sentindo o máximo com aquele comentário.

– Tenho mesmo muitos dons, moleque. Está encrencado com alguém? Eu posso te ajudar a quebrar a cara dele. Também posso te ensinar a jogar fliperama. Nos jogos de luta eu sou o melhor do bairro. O que prefere?

– Na verdade é bem mais simples do que isso. – Hesitou por alguns segundos e depois desembuchou timidamente – Preciso de um encontro.

– Hein?!

– Com uma amiga sua. – continuou.

Emílio coçou a cabeça feito um gorila pensante soltando uma enorme gargalhada em seguida. As bochechas de Leônio coraram.

– O que é tão engraçado? Você não tem boa reputação com as meninas? – perguntou.

– Tenho mesmo. Só não esperava um pedido desses. Mas quem seria essa pessoa? – Emílio ficou reflexivo.

Tambores rufaram. As bochechas de Leônio eram dois tomates.

— Alice. — disse ele quase como um sopro. Parecia que uma bola de ferro se desprendeu de sua cabeça. Leônio esperou uma nova gargalhada quando Emílio pôs-se a apertar as dobrinhas da sua testa umas nas outras.

— Sem chance.

— Como assim? Ela tem namorado?

— Não. — balançou a cabeça estalando a língua veementemente.

— E então o quê?

— Você não faz o tipo dela.

— Como pode ter certeza disso? O trato é para conseguir um encontro, não pelos seus conselhos amorosos! — retrucou Leônio.

— Ainda não fechamos as recompensas por completo. Acho que um encontro é muito, sabe. Portanto, escolha outra coisa. E além do mais trate de convencer seus amiguinhos logo para que eu possa jogar.

— Por isso a fama de trapaceiro. Já está querendo mudar o trato. — Leônio suspirou indignado.

— É pegar ou largar. Os dentes da bocarra cintilaram feito um lobo ameaçador.

— Eu não quero outra coisa. Você não entende. — Falou se sentindo incompreendido.

Emílio arregalou um dos olhos para ele.

— Moleque, você não a conhece. Pensa que é assim, marcar um encontro? Principalmente com alguém estranho como você. Nem sequer faz parte do grupo de amiguinhos dela. Seria muito mais fácil.

Leônio murchou, mas sabia, no íntimo, que precisava pressionar um pouco mais seus neurônios para tentar convencê-lo.

— Mesmo assim, eu assumo o risco. Apenas pergunte a ela. Se não der em nada eu aceitarei.

— Moleque, você não entendeu o que eu disse? Ela jamais

aceitaria sair com você, até porque ela não está procurando ninguém.

– Você não pode tentar convencê-la?

– Com o quê? Uma cartinha idiota escrita à mão? – disse com uma ponta de sarcasmo na voz.

– O negócio é o seguinte: – Leônio se esforçou para ser o mais convincente possível. – Eu tenho uma ideia. Como a turma não fará nenhuma comemoração para encerrar o último ano letivo, eu – titubeou – resolvi fazer uma pequena comemoração lá em casa. Aliás, na casa de veraneio da minha família – ele não tinha certeza disso, imaginou seus pais dando-lhe uma bronca por isso. – Por que você não aparece com ela e... entende?

Emílio se viu dividido entre uma chance de comer e beber de graça e se esforçar para convencer Alice a sair de casa.

– Um churrasco? Parece uma boa ideia, moleque.

– Churrasco?

– O que une mais a galera do que isso? – sorriu – vai ter cerveja, não é?

Leônio ficou sem palavras. O plano estava tomando uma forma perigosa e excitante ao mesmo tempo.

– Sim, é claro. – respondeu segundos depois mesmo sem saber se tinha dinheiro para bancar.

Percebeu quando os olhos de Emílio se encheram de empolgação. Aquilo sim era sinal de perigo.

– Moleque, eu vou falar com ela. – Esperou até que Leônio pudesse esboçar um sorriso, logo em seguida jogou um balde de água fria. – Isso se você ganhar de mim.

Leônio cerrou o olhar, sentiu o coração pulsar dentro do peito e logo estava pronto para encarar o desafio. Nem precisava convencer os amigos para Emílio jogar com eles. O truque havia funcionado. Disse aos amigos que ele jogaria, dividiriam os times, e todos aceitariam o desafio pelo puro prazer de ganhar de alguém odiado por eles. Agora tinham um acordo.

– Vamos logo começar isso, pessoal. Desculpem a demora.

— Leônio sacolejou o corpo preparando os músculos para mais uma partida, dessa vez de suma importância.

— Eu já estou começando a esfriar. — grunhiu Marcão desanimado.

— Moleque, você não ganhará de mim! — berrou Emílio indo ao centro da quadra feito um rinoceronte.

— A propósito, meu nome é Leônio. — respondeu de esguelha.

— Até que enfim esse jogo vai começar. — Daniel estava impaciente. Em seguida, aproximou-se de Leônio. — O que vocês conversaram?

— Estávamos estabelecendo umas regrinhas para o jogo. — disse deixando o amigo confuso. Por trás dos ombros do amigo, Daniel percebeu a chegada de pessoas estranhas.

— Aqueles esquisitos jogarão contra a gente? — apontou.

Emílio tomou a liberdade de fazer as coisas ao seu modo. Com assobios ruidosos sua trupe aproximou-se. Tinha um baixinho gorducho que usava boné sobre os olhos. Seu sorriso era torto e dava pra ver que lhe faltavam alguns dentes. O outro era um moreno, alto e esquelético que parecia não dormir a uns dois anos, e por último um sujeito da altura de Leônio conhecido como bandidinho enrustido. Pronto. A guerra estava feita.

O time já estava dividido. Não valia a pena discutir sobre isso, e além do mais, nem todos permaneceram empolgados com a partida. “Que venham seus maloqueiros!” — murmurava entredentes. Marcão bufava como um touro só faltando arrastar o pé para trás e derrubar os adversários com uma cabeçada.

Leônio passou cada minuto da partida pensando sobre a conversa com Emílio, que atribuiu como sendo a mais bizarra da sua vida. Os lances, os berros da partida passavam pelos seus ouvidos como sussurros elásticos. Custava a acreditar que tinha feito um acordo com o cara mais temido do colégio, mas, depois de quebrar o gelo, Emílio não pareceu tão assustador como os professores costumavam pintá-lo.

A quadra ficou lotada de gente se escondendo da chuva e

Alice se perdeu entre dezenas de alunos. O que aquela gente toda estava fazendo ali, assistindo a um mero futebolzinho? Futebolzinho uma ova! Era uma guerra de interesses, de autoafirmação jovial e que renderia uma fofoca e tanto entre os grupos até chegar a diretoria do colégio. Os palavrões comiam solto. Talvez uma parte do público ansiasse por uma briga. Tinha gente que adorava ver um filete de sangue escorrendo na boca de um e no nariz do outro. Coisas de colégio. Há pessoas de todos os tipos no colégio.

— Acorda, Leônio! — Daniel brigava pela bola enquanto Leônio a deixava passar em câmera lenta.

— Foi mal — respondeu aturdido.

Essa ideia de festinha. De onde Leônio tirou isso? A casa de veraneio dos pais estava fechada há muitos anos. Devia estar coberta de mofo, teias de aranha, ratos e monstros da sua imaginação. Ou pior, tomada por desabrigados ameaçadores que jamais arredariam o pé de lá sem ajuda policial. Se o tal churrasco fosse na sua casa, sua mãe enlouqueceria. Sem chance. Teria de ser lá mesmo na casinha abandonada. Precisaria arranjar um bom motivo para convencer a mãe a emprestar a chave, mas, era complicado pensar nesses detalhes no meio da partida. Tinha que se preocupar com a bola que passava entre as suas pernas e o cacarejo de Emílio zunindo pelos quatro cantos.

O baixinho de boné estava sendo um pé no saco até Marcão lhe dar uns solavancos maldosos. Nestas horas, Marcão era um brutamontes legal.

Estava tão atarantado que não conseguiu deixar cair a ficha quando a partida terminou. Contabilizar a vitória de três a dois pareceu mentira. A ficha caiu em alguns minutos. Leônio teve o que quis, principalmente pelo talento de Daniel, totalmente gozificado pela derrota anterior.

Contrariados com a derrota súbita, a trupe sinistra de Emílio desentalou a raiva tomando partido do modo errado. Os empurrões eram o prenúncio de uma grande confusão e Leônio temeu que o acordo fosse por água abaixo.

O funcionário que supervisionava a quadra estava por perto bem na hora, depois do seu costumeiro cafezinho na cantina. O funcionário de jaleco e olheiras fundas aproveitava o turno jogando conversa fora com a atendente até chegar a hora de trancar o portão da quadra. Era a única coisa que fazia com hora marcada. Às vezes era gritado por alguma menina, como foi o caso; Marcão pôs o dedo no meio da testa do rapaz que chamavam de bandidinho. O inspetor finalmente deu as caras.

— Esses moleques querem sair do colégio direto pro xilindró! — dizia irritado. A situação ficou incontrolável e o funcionário não se meteu a besta dentro do bolo formado no meio da quadra. — Vou chamar reforço. Carlão! Vem aqui, rápido!

Três inspetores foram necessários para contornar a situação. Um deles, — o mais robusto — segurou Emílio como quem domava um urso selvagem. Havia um filete de sangue no chão. Marcão estava com o lábio superior inchado e apalpava o pequeno corte enquanto despejava ameaças ao time de Emílio. Até mesmo Plínio que não gostava de brigas entrou na dança para defender Leônio, que por sua vez tentava afastá-lo da confusão. Após socos e pontapés simultâneos, tudo cessou num minuto. Plínio juntava os cacos dos óculos, pisoteado sabe-se lá por quem e Leônio fora socorrido por um dos inspetores. De braços, Leônio viu seus pertences espalhados. Tocou a testa inchada e contou os galos.

— Filho, você está bem? — Perguntou um dos inspetores. Leônio não distinguia muito bem as cores e começou a catar Alice entre as pessoas deixando a quadra como se precisasse voltar ao normal através dela.

— Minha cabeça dói. — franziu a testa.

— Vamos até a enfermaria dar uma olhada nisso.

Leônio encontrou sua cédula de identidade no chão, uma caneta quebrada ao meio, que logo arremessou pelas costas. A um passo dele estava o temeroso pedaço de papel chamado boletim, cor de creme, pisoteado, parecendo um origami encontrado por baixo de escombros. Havia uma dobra no canto

inferior que permitia ver a margem com o conteúdo. Naquele cantinho podia-se ver uma única palavra:

Aprovado!